

HELEN LAUER E KOFI ANYIDHOHO
(Organizadores)

**O RESGATE DAS CIÊNCIAS
HUMANAS E DAS
HUMANIDADES ATRAVÉS DE
PERSPECTIVAS AFRICANAS**

VOLUME IV



Brasília - 2016

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@funag.gov.br

Equipe Técnica:

Eliane Miranda Paiva
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Luiz Antônio Gusmão
André Luiz Ventura Ferreira
Acauã Lucas Leotta
Márcia Costa Ferreira
Lívia Milanez
Renata Nunes Duarte

Projeto Gráfico:

Daniela Barbosa

Tradução:

Rodrigo Sardenberg

Programação Visual e Diagramação:

Gráfica e Editora Ideal

Impresso no Brasil 2016

R433 O Resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas
/ Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília : FUNAG, 2016.

4 v. – (Coleção relações internacionais)

Título original: Reclaiming the human sciences and humanities through African perspectives

Descrição principal baseada no volume 4.

ISBN (v. 4) 978-85-7631-621-3

1. Literatura - África. 2. Poesia - África. 3. Cultura - África. 4. História - África.
5. Cultura - África. 6. Teatro - África. 7. Música - África. 8. Línguas africanas. I. Lauer,
Helen. II. Anyidoho, Kofi. III. Série.

CDU 301.19(6)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

Capítulo 85

Lembrando da África: memória, restauração e renascimento
africano 2665

Ngũgĩ wa Thiong'o

Referências bibliográficas 2695

CAPÍTULO 85

LEBRANDO DA ÁFRICA: MEMÓRIA, RESTAURAÇÃO E RENASCIMENTO AFRICANO¹

Ngũgĩ wa Thiong'o

Nos últimos anos, muito tem se falado, além de escrito uma enxurrada repentina de livros, sobre um renascimento africano, desencadeado em grande parte pelos comentários de Mandela na Conferência da Organização da Unidade Africana, em Túnis, em 1994, quando ele solicitou a reconstrução de uma nova Cartago. Thambo Mbeki popularizou o termo nos seus discursos, independentemente de serem feitos para banqueiros, planejadores econômicos ou outros líderes. A conversa sobre o renascimento se intensificou após as ondas de ditaduras derrotadas na década de 1990, entre as quais as de Mobutu, Banda, Mengistu e Siad Barre. A democracia eleitoral parecia estar crescendo. Em 1994, Manthia

¹ Este capítulo foi apresentado pela primeira vez como a Terceira Aula McMillan-Stewart na Universidade de Harvard, em 16 de março de 2006, e, posteriormente, como Discurso ao Plenário na 32ª Conferência Anual da Associação de Literatura Africana, realizada em Acra, em Gana, de 17 a 21 de maio de 2006, sobre o tema "Pan-Africanism in the 21st Century: Generations in Creative Dialogue." Ele será incluído na coletânea do autor intitulada *Something Torn, Something New: An African Renaissance*, a ser publicada pela Basic Books, Nova York.

Diawara lançou o periódico *Black Renaissance/Renaissance Noir*, na Universidade de Nova York. Porém, mesmo antes disto, ao longo de todo o século XX, a palavra “renascimento” afluía em referência a escritores xhosa e zulu da África do Sul do começo do século XX, entre eles, Samuel Edward Krune Mqhayi e depois aos irmãos A. I. E. Dhlomo e R. R. R. Dhlomo e Benedict W. Vilikazi. Em 1948, Cheikh Anita Diop usou o termo quando ele declarou as condições necessárias *pour une Renaissance Africaine*². É claro que existe o Renascimento do Harlem no caso da diáspora, em referência à onda de escrita negra, na década de 1920, nesse local, com indivíduos notáveis que incluíam Langston Hughes, Zora Neale Hurston, Claude Mackay e Countee Cullen. O recurso ao termo “renascimento” para descrever um momento em que se percebe que a quantidade e a qualidade da produção intelectual e artística sinaliza “uma mudança histórica monumental”³ na vida de um povo, uma nação ou uma região, não é peculiar à África e tem havido conversas sobre outros renascimentos em histórias e culturas diferentes. Um livro, adequadamente chamado *Other Renaissances*⁴, tem capítulos sobre o renascimento árabe, o bengali, o tâmil, o chinês, o do Harlem, o mexicano, o Maori, o de Chicago, o hebraico e o irlandês, porém ironicamente não inclui a África apesar de ter havido elogios por escrito sobre o renascimento de Sophiatown e sobre o renascimento africano em geral.

Mas qualquer conversa sobre renascimento inevitavelmente convida a uma comparação com o Renascimento europeu, um termo cunhado no século XIX para se referir à Europa entre o século XIV e o século XVI entre a Idade Média e o Iluminismo⁵, mas de maneira

2 Cheikh Anta Diop (1948). Traduzido a partir do francês por E.P. Modum in Cheikh Anta Diop (1996, p. 33-45).

3 Brenda D. Schildgen, Zhou Gang e and Sander L. Gilman (2007) “Introduction”.

4 Brenda Deen Schildgren *et al.* (2007). O livro discute o renascimento árabe, o bengali, o tâmil, o chinês, o do Harlem, o mexicano, o Maori, o de Chicago, o hebraico e o irlandês.

5 Jacob Burckhardt (1860). Ele viu o período como a primeira onda de uma nova era. Também atribuído ao historiador francês do século XIX, Jules Michelet.

adequada referindo-se ao início da modernidade capitalista. Esta última referência é inevitável no caso da África porque a modernidade capitalista europeia, surgindo a partir dessas viagens do corpo e da mente, teve sua origem no comércio de escravos, na escravidão e no colonialismo. Marx cita a transformação da África num labirinto para a caça de peles negras juntamente com o enterro dos habitantes originais nas minas de ouro e prata da América como sinalizando a aurora rosada do capitalismo, um capitalismo que veio pingando com sangue e sujeira em todo núcleo. Isto transformou a África no lado escuro do iluminismo europeu, uma escuridão que durou do século XVII até a metade do século XX. O mergulho marcou uma lacuna no desenvolvimento africano, ou seja, desenvolvimento visto como uma solução orgânica das contradições internas e externas na sociedade e colocou e movimentou o que Walter Rodney (1972) descreveu como o desenvolvimento do subdesenvolvimento. A lacuna pode ser corretamente descrita como a Idade Média da África, significando todo o período escravista e colonial, durante o qual a África foi desmembrada do seu passado e da sua história. Quando escritores europeus se referiam à África como o Continente Escuro ou escreviam romances sobre temas de Escuridão, eles estavam se referindo ironicamente ao que eles tinham criado com seu tipo de luz. Conrad teve bastante discernimento ao ver os portões para o *Heart of Darkness* do seu romance (1902) como localizado em depósitos europeus⁶. O Tâmis e Bruxelas foram os portões para o cerne da escuridão de caçar povos em função da cor e do formato do nariz deles.

Existem paralelos significativos entre a Idade Média africana e a europeia além das duas compartilharem o rótulo de “Idade

6 N.E.: A influente crítica de Chinua Achebe de *Heart of Darkness*, de Conrad está reproduzida como o Apêndice das suas reflexões adicionais sobre o racismo de Conrad em meios visuais mais contemporâneos, no capítulo 50.

Média”. O renascimento europeu marcou o fim da Idade das Trevas europeia e o mesmo renascimento marcou o começo da Idade das Trevas africana. Enquanto a imagem do mundo na Idade das Trevas europeia estava centrada em Deus, na igreja e no império universal, a da África estava centrada num Deus, numa Pátria-mãe e impérios coloniais brancos. Será que podemos falar de maneira significativa sobre um renascimento africano comparável ao da Europa? A tendência geral nas conversas atuais sobre um renascimento africano é mais como um ideal desejável, um resultado que se possa desejar, em vez de algo que já aconteceu ou está acontecendo. Até certo ponto, é verdade que um renascimento pleno ainda não floresceu. Entretanto, um renascimento africano já começou: ele começou no momento histórico em que a ideia de África, ou a ideia africana, tornou-se uma força organizadora em oposição aos impérios coloniais europeus.

Mudimbe (1994) fala da “Ideia de África” como um produto do sistema ocidental de representação própria que incluía a criação de uma noção do outro concebida e transmitida através de sistemas de conhecimento conflitantes⁷. Mas estou pensando em outra ideia de África – ou mais adequadamente na ideia africana – como a representação própria africana, para distingui-la da fórmula de Mudimbe como a Europa se encontrando através da sua invenção da África. Eu vejo a ideia africana como aquela forjada na diáspora e viajando de volta ao Continente. A partir da diáspora, os africanos poderiam ver todo o continente como o lar que eles foram obrigados a deixarem independentemente de como eles vissem seu exílio: como misericórdia no caso de Phyllis Wheatley (1773), ou como uma perda trágica no caso de Equiano (1789) e daqueles que cantavam sobre se sentirem como crianças órfãs longe de casa.

7 V. Y. Mudimbe (1994, p. xi).

A ideia africana na diáspora encontra sua percepção própria mais dramática na independência do Haiti, no século XVIII. Em reconhecimento à centralidade do Haiti na ideia africana, C. L. R. James, em *The Black Jacobins* (que ele publicou em 1938), diz que ele o escreveu pensando na África. O que os haitianos tinham feito contra a escravidão nas plantações – derrotando os esforços combinados dos europeus mais avançados da época, inclusive a expedição para restaurar a escravidão liderada pelo próprio irmão de Napoleão – a África e toda a região do Caribe poderia acontecer de novo no século XX. Cesaire descreve o Haiti como o lugar onde nasceu a “negritude”. Neste contexto, a ideia africana não foi simplesmente uma reação à representação própria da Europa com a África como sua noção de outro, mas uma consciência em oposição organizada à noção opressiva de outro que era a Europa.

Foi esta ideia africana que movimentou o renascimento da África. O renascimento europeu teve limites coincidentes com o surgimento da Europa moderna da Idade das Trevas saindo de um feudalismo cambaleante e de um papado católico. O renascimento africano teve limites coincidentes com uma modernidade africana que surgia a partir do colonialismo de impérios europeus moribundos. O renascimento europeu lançou a modernidade europeia e o renascimento africano, evoluindo na luta contra o lado escuro da modernidade europeia, deu origem à modernidade africana.

Existem outros marcadores importantes na evolução da modernidade africana: o Congresso Pan-africano de 1900 (PAC), em Londres, por exemplo. Mas foi o fato da formação do Congresso Nacional Africano (CNA), em 1912, que cristalizou a ideia africana como uma agência ativa na constituição da modernidade no continente: o CNA foi a primeira organização política a reunir africanos de diferentes etnias culturais para lutarem pelo seu

lugar ao sol, ou por um lugar para deixar seu fardo – para usar a frase de Garvey. Esta iniciação grave foi inspirada pelas ideias do Novo Movimento Negro e pelo Pan-africanismo na América, onde alguns fundadores do CNA tinham interagido com as pessoas e as ideias de Alexander Crummell, Booker T. Washington e W. E. B. Du Bois⁸. Pixley Ka Isaka Seme, um dos fundadores do CNA (e que tinha escrito o artigo, “The Regeneration of Africa”) estudou no Jesus College, em Oxford e na Universidade de Colúmbia, em Nova York. Ele era amigo de Alain Locke, editor do *The New Negro* e se correspondia com ele. Charlotte Manyax Maxeke, que também era membro fundadora e que depois foi presidente da Liga Feminina do CNA, foi aluna de Du Bois na Universidade de Wilberforce (1896-1900), onde ela fez amizade com Nina Gomer, que depois foi esposa de Du Bois. Solomon T. Plaaje interagiu com Du Bois no Harlem, no começo da década de 1920⁹.

O CNA foi predicado sobre a ideia africana, seu hino, *Nkosi Sikelele Afrika*, sendo que ele tomou todo o continente como teatro da sua atração e sua visão. O evento marcou um despertar africano para a necessidade e a capacidade práticas de confrontar a modernidade capitalista europeia nas suas túnicas coloniais brancas. Quaisquer que sejam as modificações e as especificidades regionais, todos os outros partidos políticos modernos no continente seguiram os passos do CNA – alguns deles, como o Congresso Nacional do Malawi, o Congresso Nacional da Rodésia e o Congresso Popular de Uganda adotando o nome. Outros, como o Partido Popular da Convenção de Nkrumah (CPP), a União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU), a União dos Povos Africanos do Zimbábue (ZAPU) e a União Popular Nacional Africana do Quênia

8 No Continente, as ideias de Crummell, Washington, Garvey e Du Bois costumavam cair na ideia africana. Kwame Nkrumah afirmava que tinha sido influenciado igualmente por Du Bois e Garvey.

9 O grande estudo de Ntongela Masilela da história intelectual da África do Sul é uma mina acadêmica de informação. Veja, por exemplo, Masilela (2006) e seu “The Transatlantic Connections of the New African Movement”, inédito.

(KANU), incorporaram a ideia de um congresso de povos africanos que transcendesse etnias. Então, se fosse para invertermos o argumento hegeliano de que a Razão é História – e também de que a razão é a incorporação da liberdade começando no Oriente e encontrando sua apoteose no Ocidente – então poderíamos dizer que a ideia africana, ou a Razão africana, é a incorporação da liberdade que viajou da diáspora para o continente e voltou num jogo dialético dos laços que vinculam (para tomar emprestada a noção de *Dusk of Dawn*, de Du Bois) na luta para escapar do manto escuro da noite em que a Europa tinha envolvido a África. O mantra de Du Bois de luzes coloridas com o qual ele cantava sobre a África era oposta ao manto de Hegel da noite em que ele envolveu a África.

A ideia africana passou a ser a força motivadora da política moderna sobre o continente: pois independentemente de ser no Quênia, na Nigéria, em Angola, ou no Senegal, as pessoas se viam como africanas. É claro que isto não significa que o começo do século XX tenha sido quando os africanos no continente começaram sua luta contra a ocupação europeia. Mas anteriormente, eles tinham reagido como Zulus (veja as guerras Zulu), IsiXhosa (nas guerras Xhosa), Asante, Gikũyũ, ou Ibo. A diferença qualitativa peculiar à sua luta no século XX foi sua percepção própria como africanos: eles se organizaram sob partidos políticos modernos *como* africanos. Zik – que liderou a luta da Nigéria – chamou seu livro de *Renasant Africa* (1937)¹⁰, assim como Nkrumah chamou seu *Africa Must Unite* (1963)¹¹. E assim como o surgimento do moderno na Europa se refletiu no florescimento das artes – antecedendo-as, cercando-as e surgindo a partir delas – o momento de 1912 foi antecedido, cercado e depois seguido por uma grande quantidade

10 N.E.: Nnamdi Azikiwe, popularmente conhecido como “Zik”, foi o primeiro presidente da Nigéria.

11 Nkrumah também enfatizou a unificação africana na luta contra o colonialismo no seu primeiro livro, *Towards Colonial Freedom* (1946).

de escritas importantes da África do Sul, especialmente em línguas africanas¹², apesar de haver uma controvérsia entre o inglês e as línguas africanas no que diz respeito ao melhor meio da percepção própria desse momento. A poesia de S.E.K. Mqhayi em *Izwi Labantu*¹³ e sua novela de 1914, *Ityala lamaWele, Zemk' Inkomo Magwalandini*, de Walter Benson (1906) e *Abantu Abammnyama*, de Magema Fuze (1922) são alguns exemplos. Mas o verdadeiro ponto de virada no drama da modernidade africana foi o Congresso de Manchester de 1945 que, entre outras coisas, solicitou que as classes intelectuais e profissionais das colônias despertassem para suas responsabilidades e se juntassem às massas para expulsar o governo colonial¹⁴. Em resposta a essa declaração aos Povos Coloniais do Mundo, líderes como Kwame Nkrumah e Jomo Kenyatta voltaram à África dos seus domicílios no exterior para liderarem o Continente para sair da Idade das Trevas do império colonial para uma era de iluminismo africano. O resultado foi as décadas notáveis de 1950 e 1960, cujo drama de mudança é completamente sem precedentes na história do mundo. À medida que diversos países na África resgataram sua independência, um a um, se anunciaram como atores no estágio moderno e ao longo do processo remoldaram esse estágio – pelo menos sua cor. Cada país pode ter surgido como estado-nação em termos territoriais, mas sob suas cores nacionais eles se viam como africanos. A viagem da ideia africana começou no Haiti, foi aperfeiçoada pelos Congressos Pan-Africanos, alcançou seu ponto máximo ao longo das décadas de 1980 e 1990 na independência de Angola, Guiné-Bissau e

12 Fonte: Ntongela Masilela, Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

13 N.E.: Samuel Edward Krune Mqhayi, considerado o maior escritor na língua Xhosa, esteve entre os intelectuais que fundou o jornal *Izwi Labantu* (A Voz do Povo), em 1897. De Ntongela Masilela (2006, p. 3).

14 Hakim Adi e Marika Sherwood (1995, p.56). Também citado em Ngũgĩ wa Thiong'o (1997, p.153). N.E.: Capítulo 47, de Marika Sherwood, nesta antologia analisa o sindicato e outras respostas organizadas dos africanos ao racismo na Inglaterra durante o começo do século XIX.

Moçambique e na libertação da África do Sul. A independência de países africanos introduziu a verdadeira modernidade africana.

Portanto, o lançamento do CNA em 1912 e sua chegada ao poder em 1994 emolduram um século fundamental que testemunhou o início do renascimento africano e o drama da modernidade africana da qual ele participa. As décadas do século XX testemunharam explosões na estética africana: música, dança e artes plásticas. Mais destacado foi o surgimento da escrita africana em línguas europeias, um processo que continua até hoje. Então, da mesma maneira que a energia, o vigor e o ímpeto do renascimento europeu nas artes foi apenas uma manifestação num nível estético da energia e do calor gerados pela tensão e pelas contradições no ponto de encontro de duas épocas (a antiga e a nova, um mundo que estava morrendo e outro lutando para nascer) a mesma coisa acontece na África, onde o vigor, as contradições e as tensões da descolonização foram transmitidos através das artes e das vibrações estéticas da nova era. À pergunta:

Africa tell me Africa
Is this you this back that is bent
This back that breaks under the weight of
humiliation
This back trembling with red scars
And saying yes to the whip under the midday sun?

Uma voz grave, mas claramente otimista poderia responder ao poeta David Diop:

That tree there
In splendid loveliness amidst white and faded flowers
That is Africa your Africa
That grows again patiently obstinately
And in its fruit gradually acquires
*The bitter taste of liberty*¹⁵.

15 David Diop, "Africa", em Ulli Beier e Gerald Moore (1998, p.328).

Um artista não cria tensões e conflitos na sociedade. Ele reage a eles, dando-lhes formato, forma, direção ou simplesmente registrando-os. Isto é tão verdadeiro em relação ao artista africano dos séculos XX e XXI quanto foi em relação aos artistas do renascimento europeu vários séculos antes. E, assim como no renascimento europeu que começou mais cedo na Itália do século XV e mais tarde no litoral ocidental no século XVI, o renascimento africano não foi nem uniforme nem drástico – mais cedo em alguns lugares e mais tarde em outros. E, novamente, assim como no renascimento europeu do qual surgiram os estados-nações da Itália, de Portugal, da Espanha, da França e da Inglaterra – digamos, estados burgueses europeus – o renascimento africano fez surgir vários estados-nações.

Até mesmo as contradições das duas épocas são comparáveis. Aqueles que participaram dele poderiam ver o renascimento europeu como manifestações tanto de esperança quanto de falta de esperança. Erasmo de Roterdã poderia oscilar desde denunciar sua época pela sua corrupção (“Quando jamais houve mais tirania? Quando a ganância reinou de maneira maior e foi menos punida”?) até elogiá-la como a aproximação de uma era dourada, o surgimento de um novo mundo, fazendo ele desejar voltar a ser jovem e depois voltando a denunciá-la como “confusão irremediável de tudo”¹⁶. Foi uma época de massacres, sendo que o que mais se destacou foi o Massacre de São Bartolomeu de 1572, em Paris. Foi uma época de guerras entre os novos estados-nações e dentro deles, entre a Inglaterra e a Espanha, por exemplo, e a Guerra dos 30 Anos na Alemanha (1618-1648). Da mesma maneira, no que está ocorrendo na África, pode-se ver as caras de Nyerere, Mandela, Kofi Annan, Soyinka, Mafouz, do Bispo Tutu e de Wangari Maathai, ou as de Moi, Mobutu, Idi Amin ou Bokassa – as caras de democracias ascendentes ou de ditaduras militares reinantes. A ganância, a

¹⁶ Citado em James Bruce Ross e Mary Martin McLaughlin, “Introduction” (1968).

tiranias e a confusão que estarrecia Erasmo de Roterdã infestou a África pós-colonial com doenças e ondas de fome em várias regiões e massacres em lugares como Ruanda, Darfur, Libéria e Serra Leoa. A esperança e a falta de esperança ainda disputam o domínio da alma africana assim como elas disputaram a alma europeia.

Porém, as semelhanças acabam aí. O renascimento europeu durou três séculos, quatro se incluirmos o século XIII e cinco se incluirmos o século XVII. O renascimento africano tem apenas um século. O renascimento europeu é algo do passado. Nós sabemos o tipo de modernidade que ele gerou e seu impacto no mundo. O renascimento africano é um trabalho em andamento e não podemos prever sua forma, seu destino ou seu impacto final sobre a modernidade africana e o mundo.

O movimento intelectual europeu foi uma reflexão em ideias, em ética e estética, de mudanças fundamentais na organização da produção da riqueza dentro das sociedades feudais da Europa. Um capitalismo mercantil florescente, “deu ao comércio, à navegação e à indústria um impulso desconhecido até então e assim para o elemento revolucionário sociedade feudal cambaleante, um desenvolvimento acelerado”¹⁷. O elemento revolucionário sobre o qual Marx fala era a classe média ascendente que buscava sua liberdade necessária das leis eclesiásticas, das associações fechadas e de uma visão do mundo que lhe negava movimento.

É verdade que a classe média africana que liderou o nacionalismo anticolonial queria liberdade das leis coloniais, das barreiras raciais e de uma visão racista do mundo que colocava a brancura no centro e lhe negava movimento. Porém, a classe nacionalista (que Fanon descreveu como armadilhas da consciência nacional) não passou a liderar os novos estados como uma burguesia independente: em pouco tempo ela foi dominada no neocolonialismo, na política da Guerra Fria e na globalização.

17 Karl Marx e Frederich Engels (2002 [1848], p. 220) *The Communist Manifesto*.

Tratava-se de uma classe sem nenhum capital, sem inventores dentro dela, nenhum mundo novo para conquistar e roubar – apenas um mundo no qual pedir esmola e uma nova nação para roubar. Ao mesmo tempo em que durante a luta anticolonial a classe nacionalista via seu poder como derivado do povo, depois da independência ela passou a ver seu poder como sendo derivado de um relacionamento cômodo com a burguesia ocidental. A visão pan-africana que descrevia o idealismo do todo foi gradualmente reduzido ao tamanho de um continente, depois de uma nação, uma região, uma etnia, ao clã e à vila em alguns casos. Sem uma reorganização fundamental da produção e uma mudança na sua visão das fontes do seu poder, a classe nacionalista passa a ser simplesmente uma capacitadora do luxo fácil de recursos nacionais da África para o ocidente, com uma taxa de comissão lucrativa pelo seu papel como intermediário. A burguesia europeia roubou das colônias e umas das outras, atacando os navios umas das outras em alto mar. A classe média africana usa o navio de estado para saquear a nação. Fragmentada economicamente, com seus líderes colocando em risco seus recursos, a África permanece a relação fraca mais jovem do capitalismo global. A classe média europeia tinha o vigor e a energia da juventude e a classe média Africana tornou-se senil, ao estilo do Sapo Aboliga, do romance *The Beautiful Ones Are Not Yet Born*, de Ayi Kwei Armah, antes mesmo ter experimentado o vigor e ousadia da juventude – porque “no seu início a burguesia nacional dos países coloniais se identifica com a última etapa da burguesia ocidental”¹⁸. A burguesia europeia na sua juventude assumiu seu próprio controle e atacou os outros para aumentar seus cofres nacionais. Enquanto isso, a burguesia africana ataca seus próprios tesouros para aumentar os tesouros ocidentais. Este contraste é mais claro nas atitudes diferentes dos dois grupos em relação à sua herança mais importante: línguas.

18 Frantz Fanon (2004 [1961], p. 101).

As duas características do renascimento europeu que se destacam são a Descoberta e a Recuperação. Por descoberta eu não quero dizer as viagens de exploração e conquista, a criação de diversidade colonial, mas sim o encontro da Europa com suas próprias línguas. Erich Auerbach descreve o renascimento europeu como “o movimento através do qual as línguas literárias dos diversos povos europeus finalmente derrubaram o latim”¹⁹. Antes disto, o latim tinha ocupado uma posição não muito diferente daquela que as línguas europeias ocupam na África atualmente: “tratava-se praticamente do único veículo de comunicação intelectual e escrita [...] uma língua estrangeira que precisava ser aprendida [...] arrancada da língua falada”²⁰. Oprimidos pela presença totalmente generalizada do latim, os pioneiros desta mudança primeiro pediram desculpas, volta e meia achando necessário responder a pergunta (quase como Nuala²¹ no caso da sua escolha do irlandês) de por que eles escreviam no vernáculo. Para Dante, em *De Vulgari Eloquentia* (aproximadamente 1304), escrevendo sobre dois tipos de fala, o estrangeiro e o vernáculo: “o vernáculo é o mais nobre, tanto porque o mundo todo desfruta dele (apesar de ter sido dividido em [línguas com] palavras e paradigmas diferentes) quanto porque ele é natural para nós, enquanto o outro é mais um produto artificial”²². Ele defende sua escolha do italiano da Toscana como a língua de comentário crítico por ser a língua da sua experiência principal. “E como quanto melhor se conhece uma rota, é possível viajar por ela de forma mais segura e mais rápida, eu devo proceder apenas na minha própria língua, deixando as outras de lado”²³. Ao comparar o italiano com outras línguas, Dante descobre que “cada coisa deseja naturalmente sua própria autopreservação. Então,

19 Erich Auerbach (1965, p. 319).

20 Erich Auerbach (1965, p. 269).

21 N.E.: A referência é ao protagonista de uma série popular de ficção dos romances Nuala Anne Grail de Andrew M. Greeley.

22 Robert S. Haller (1973, p. 4), capítulo um.

23 Robert S. Haller (1973, p. 13), capítulo nove.

se o vernáculo pudesse ter seus próprios desejos ele desejaria ser preservado”²⁴. Ele rejeitou chamadas de um dos seus amigos humanistas, Giovanni del Virgilio, para abandonar o público limitado de um escritor no vernáculo e buscar fama e imortalidade instruídas como um poeta latino. Sobre o motivo pelo qual ele não escreve em Latim, Dante compara seu vernáculo a uma “ovelha que quase não consegue suas tetas, de tão cheias de leite que elas estão. Eu estou me preparando para ordenhá-la com mãos habilidosas”²⁵.

No devido tempo, os intelectuais europeus de uma nação após a outra adotaram orgulhosamente suas próprias línguas. No começo do século XVI (1518), Martinho Lutero podia olhar para o seu alemão nativo e agradecer “a Deus que eu ouço e encontro meu Deus na língua alemã de uma forma em que eu não O encontrei até agora em latim, grego ou hebraico”²⁶. As atitudes em relação ao inglês mudaram – de onde seus donos consideravam a língua sem eloquência, crua, bruta e bárbara”²⁷, incapaz de manifestar o pensamento científico e literário com a precisão e a elegância do latim – até onde eles passaram a adotá-lo como eloquente, capaz de lidar com todo o pensamento, com alguns até mesmo começando a vê-lo como a melhor glória da nação, uma futura exportação para o mundo.

And who, in time, knows whether we may vent
[export]
The measure of our tongue, to what strange shores
This gain of our best glory shall be sent
T'enrich unknowing nations with our stores?
What worlds in th'yet unformed occident
May come refin'd with th'accents that are ours?²⁸

24 Robert S. Haller (1973, p. 65).

25 Robert S. Haller (1973, p. 143).

26 Citado por John Hale (1995, p. 156).

27 Veja Richard Foster Jones (1953).

28 Citado por Richard Foster Jones (1953, p.184-185) e também citado por John Hale (1995, p. 160).

Aliado a esta descoberta esteve seu resgate do conhecimento clássico, literalmente ressuscitando os antigos como companheiros do presente, ilustrado na escolha que Dante fez de Virgílio como seu guia pelo Inferno. Ou na carta de Maquiavel de 1513 explicando como os antigos eram seus companheiros diários quando ele escreveu *O Príncipe*. Ao voltar para casa à noite, ele tirava sua roupa do dia a dia e vestia:

as túnicas da corte e do palácio e vestindo esse traje mais grave eu entro nas cortes dos antigos e eles me recebem bem e lá eu provo a comida que é só minha e pela qual eu nasci e lá eu ousar falar com eles e perguntar os motivos das suas ações e eles, na sua humanidade, me respondem²⁹.

Uma evocação quase idêntica dos antigos pode ser encontrada em Montaigne quando ele escreve como Plutarco “se introduziu no seu trabalho e gentilmente estendeu uma mão amiga, cheia de raros embelezamentos e riquezas preciosas inesgotáveis”³⁰. A Holanda fala de Lívio como uma pessoa que realmente viveu com “alguma coisa para dizer que possa ser fundamental para o destino do inglês”. Ele pede à Rainha Elizabeth para “estender sua mão graciosa para T. Lívio” e permitir que ele “viva sob sua nobre proteção”³¹. Na Inglaterra, Matthiessen diz que “o passado clássico tornou-se tão vívido que parecia para algumas mentes quase mais real do que o presente”³².

Recuperar o passado e resgatar o conhecimento dos contemporâneos passam a ser uma paixão, um dever à própria língua de uma pessoa. É a arte da tradução que em grande parte torna possível a recuperação e torna os antigos do mundo parte do presente no

29 John Hale (1995, p. 190).

30 F. O. Matthiessen (1965, p. 54).

31 Matthiessen (1965, p. 181).

32 Ibid.

renascimento europeu. De fato, o impacto de traduções sobre o desenvolvimento de línguas e culturas europeias é enorme, tanto no sentido cultural amplo como imitação e emulação, quanto no sentido linguístico restrito, em que a tradução passa a ser uma arte de naturalizar os antigos de tal forma que eles passem a falar as línguas europeias modernas ou como se os textos antigos fossem escritos de forma moderna. A tradução da Bíblia, de Martinho Lutero, foi considerada como tendo feito o alemão moderno. Jane Newman escreve sobre as sociedades de língua alemã que surgiram depois de Lutero olhando de volta para ele, um século depois, como aquele que tinha “plantado a doçura, a dignidade e a flexibilidade à nossa língua”³³. Falando sobre seu próprio estímulo para traduzir a Bíblia para o inglês, William Tyndale tem sentimentos semelhantes aos de Lutero em relação ao inglês: “Eu tinha percebido por experiência como era impossível de estabelecer as pessoas leigas em qualquer verdade, a não ser que a Escritura estava exposta claramente diante dos seus olhos na sua língua nativa, que elas poderiam ver o processo, a ordem e o significado do texto [...]”³⁴. Através de traduções os dois homens apresentaram suas línguas nativas à comunidade de línguas sagradas³⁵. A Reforma como um todo podia ser vista como aquilo que trouxe as diversas línguas europeias para a família de línguas sagradas do hebraico, do latim e do grego, pois agora cada uma destas línguas podia levar os cidadãos diretamente a Deus, que entendia o vernáculo.

As traduções não eram apenas a partir do latim e do grego, mas também a partir de outras línguas europeias. Na Inglaterra, onde a nação tinha tomado consciência da sua inferioridade cultural em relação ao Continente, de acordo com Matthiessen, ela “de repente ardeu com o desejo de superar seus rivais em letras,

33 Jane O. Newman (1990, p. 117).

34 William Tyndale, citado por Alfred William Pollard (1911, p. 95).

35 Jane O. Newman (1990, p. 116). Ela fala isto sobre Martinho Lutero, mas a observação se aplicaria a traduções da Bíblia para os vernáculos.

assim como em navios e em ouro. O inglês [...]”³⁶ e traduções eram o meio de colocar em prática a excelência desejada. “O trabalho do tradutor era um ato de patriotismo. Ele, assim como o viajante e o comerciante, podia fazer algo bom pelo seu país: ele acreditava que livros estrangeiros eram tão importantes para o destino da Inglaterra quanto descobertas feitas pelos seus marinheiros e ele os traziam para sua fala nativa com todo o entusiasmo da conquista”³⁷.

Desta forma, através de produções originais e de traduções, os vernáculos cresceram e apesar de eles terem sofrido resistência, do tipo que vemos na África atualmente, ao final do século XVI, seu surgimento vitorioso a partir da sombra do latim estava completo. A exuberância da língua que encontramos em Rabelais, Shakespeare, ou Cervantes, vem de escritores que descobriram o poder expressivo ilimitado das suas línguas, escritores se alegrando com as possibilidades que eles observam nas suas línguas redescobertas. Na sua jornada de emancipação, às línguas passaram de falta de confiança, imitação e emulação para prontidão autoconfiante para superar e subjugar outras línguas e culturas. O verso “eu lhe dei a língua” na advertência de Prospero a Caliban na obra *Tempest*, de Shakespeare, vem do clímax confiante do renascimento europeu, um clímax que infelizmente também foi o começo do desmembramento da África.

Nenhum renascimento, no entanto, é capaz de reproduzir todos os aspectos de outro, mas todos os outros devem conter a ideia central de renascimento e do surgimento de uma nova visão de ser. Lembrar da África é a única forma de assegurar o próprio renascimento pleno da África da Idade das Trevas na qual ela foi mergulhada pelo renascimento europeu, pelo iluminismo e pela modernidade. O sucesso desse renascimento depende do

36 Matthiessen (1965, p. 3).

37 Ibid.

compromisso e da capacidade da África de lembrar de si mesma, orientada pela grande visão de lembrança do pan-africanismo. Esta ideia já foi bastante útil à África, inspirando como inspirou a modernidade africana. Porém, trata-se de uma modernidade falha, pois, entre outras coisas, ela significou vários estados-nações fundados a partir de fronteiras coloniais que perpetuam as divisões baseadas em Berlim, que por sua vez significou que até mesmo povos com a mesma língua, cultura e história, continuam a ser cidadãos de estados diferentes. Estes estados costumam erigir barreiras intransponíveis ao movimento de pessoas, bens, negócios e serviços.

Mas o pan-africanismo não viveu mais do que sua missão. Considerado como uma visão de lembrança econômica, política, cultural e psicológica, ele deveria continuar a orientar práticas de lembrança. O pan-africanismo econômico se traduzirá numa rede de comunicações – aérea, marítima, terrestre, por telefone e Internet – que facilita movimentos intracontinentais de povos, bens, negócios e serviços. A África passa a ser um bloco de poder capaz de negociar numa base igual com todas as outras economias globais. Mas isto é impossível sem uma união política poderosa conforme defendida por Kwame Nkrumah. O pan-africanismo deve se traduzir num Estados Unidos da África com a União Africana transformada de uma união de chefes de estado africanos numa união legítima de povos africanos. O pan-africanismo político deve tornar o continente uma base onde povos africanos, o que significa aqueles que nasceram no Continente e aqueles de origem africana, podem se sentir totalmente em casa, uma realização da visão de Garvey da África para os africanos, tanto no âmbito interno quanto no externo. Uma África dessas seria uma base segura onde todos os povos de origem Africana sentem-se inspirados a visitarem, investirem e até mesmo a viverem se eles quiserem assim. Porém, ainda estamos há várias milhas de distância disto. Em vez disso,

fome, massacres, negação de direitos, insegurança, intolerância, uma réplica da época colonial, fez com que praticamente cada estado africano concedesse asilo a refugiados dos seus vizinhos e com que houvesse uma fuga de cidadãos do continente como um todo – a muito comentada fuga de cérebros. Neste sentido, o renascimento africano significa em primeiro lugar e acima de tudo a recuperação econômica e política do seu poder conforme consagrado na visão do pan-africanismo. Porém, isto pode ser concretizado de maneira eficaz por uma autoconfiança coletiva permitida pela ressurreição da memória africana, que por sua vez exige uma mudança fundamental de atitude – por parte da burguesia africana, dos governos africanos e da comunidade intelectual africana – em relação às línguas africanas.

Comunidades africanas na diáspora devem tentar adicionar uma língua africana ao seu arsenal cultural. Pois apesar de os membros da diáspora agora terem novas línguas nativas, suas tentativas de se aproximarem da sua memória africana só podem ser fortalecidas ao se fazerem esforços para aprenderem uma língua africana. Ao fazerem isso eles estariam se conectando ao meio da memória que os sustentou por tanto tempo nas suas lutas para se acharem num mundo que constantemente coloca barreiras no seu caminho. Porém, o desafio é principalmente aqueles no continente produzirem para a África em línguas africanas, porque a língua é a prática base de lembrança por trás da lembrança de todos os movimentos literários e intelectuais da negritude ao afrocentrismo.

Realmente houve uma tradição contínua de escrever em línguas africanas que remonta até Timbuktu no século XII ou até mais cedo, no Egito e que continua até o presente. Mazisi Kunene, que até mesmo no exílio continuou a escrever em Zulu, pode rastrear sua ancestralidade literária numa linha contínua até os

poetas orais/*imbongi* da corte Shaka no século XIX. Até mesmo quando as línguas europeias tinham começado a seduzir as mentes de africanos formados em escolas coloniais e missionárias, havia alguns dentre eles que argumentavam contra a sedução. Esse foi o caso de Mqhayi. No começo do século XX, ele argumentou a favor de línguas africanas contra aqueles intelectuais da África do Sul que o inglês era o melhor meio de experimentar o moderno. A obra de Masilela sobre a história intelectual da África do Sul coloca a obra de Mqhayi no centro das primeiras fases da gênese da modernidade africana. “Sua posição inflexível em relação à questão histórica de se a língua inglesa ou as línguas africanas deveriam ser o instrumento de representação na modernidade definiu de várias maneiras a questão literária da modernidade sul-africana no século XX”³⁸, escreve Ntongela Masilela. Mqhayi praticava o que ele argumentava na teoria e escrevia em IsiXhosa, gerando o que alguns intelectuais chamaram de renascimento ainda naquela época. Na África do Sul eles elogiavam Mqhayi por defender “nossa língua e, pela caneta e de forma oral [ele] criou um renascimento na nossa literatura”³⁹. Na África oriental, a literatura Swahili tem uma linha continua desde Muyaka até Abdilatif Abdalla. No continente como um todo, a resistência anticolonial que teve seu clímax no surgimento de vários estados independentes, também gerou (e por sua vez se refletiu em) uma abundância de poemas, canções e jornais em línguas africanas. No Quênia, o estado colonial banuiu todas estas e alguns dos escritores foram assassinados (Stanley Kagĩka), presos (Gakaara Wanjau), ou exilados (Henry Muoria).

Claramente, portanto, um desvio dessa verdadeira tradição ocorreu em meados do século XX, quando a escrita eurofônica passou a ser regra suposta com a origem da independência

38 Ntongela Masilela, “Themes and Categories of the New African Movement”, artigo apresentado ao Human Sciences Research Council, em novembro de 2005. N.E.: Veja Masilela (2006).

39 Guybon Bundlwana Sinxo (1935). *The Bantu World*, 20 de julho de 1935. Citado por Ntongela Masilela, em novembro de 2005, *ibid.*

no contexto neocolonial dessa independência. As línguas e as literaturas africanas não estão mortas. Elas nunca morreram. Apenas ocorre que a casa que elas construíram foi invadida por línguas europeias, que falam como se as línguas africanas sejam cadáveres que não levantarão dos mortos para reivindicarem sua casa. O desvio, assim como os anglofônicos na literatura irlandesa, tomaram o manto e a identidade da literatura africana. Mas este monopólio não ocorreu sem um desafio, sendo que o mais famoso deles foi o de Obi Wali, na década de 1960, quando ele escreveu em *Transition* (número dez)⁴⁰ que a Literatura Africana Eurofônica estava chegando a um beco sem saída, que era tão ridículo pensar na literatura escrita por africanos em línguas não africanas como literatura africana quanto seria falar da escrita em ioruba produzida por franceses como literatura francesa. A mais popular da minha própria obra de não ficção é *Decolonizing the Mind*, que continuou o mesmo tema. Como resultado desses desafios e dos debates que se seguiram sobre a identidade desse desvio e sepultamento da memória, existem indicações de um retorno para a venerável tradição de Mqayi, Fagunwa, Gakaara, Mazisi Kunene e Abdilatif Abdalla, um movimento visível de línguas africanas reivindicando de volta o título e a propriedade da casa que elas construíram. Tanto intelectuais quanto governos estão começando a prestar atenção.

No ano 2000 vários estudiosos e escritores africanos se reuniram na Eritreia e produziram a *Asmara Declaration on African Languages and Literatures*, que começa seus dez pontos invocando as línguas africanas a assumirem o dever, o desafio e a responsabilidade de falarem em nome do continente. Em seguida, ela lista nove outras obrigações, que incluem o reconhecimento da vitalidade, igualdade e diversidade das línguas africanas como base para a futura outorga de poder de povos africanos. A necessidade de comunicação entre línguas africanas e seu desenvolvimento em

40 Obi Wali (1963) "The Dead End of African Literature". *Transition*, 10, p. 13-15.

todos os níveis do sistema escolar; a promoção de pesquisa, ciência e tecnologia em línguas africanas; a necessidade de democracia e igualdade entre os sexos no desenvolvimento de línguas africanas; e conclui enfatizando que línguas africanas são fundamentais para a descolonização de mentes africanas e para o renascimento africano. A declaração invocava todos os estados africanos, OUA, a ONU e todas as organizações internacionais que atendem a África, a se juntarem no esforço pelo reconhecimento e apoio de línguas africanas, propondo a própria declaração como base para novas políticas. A declaração foi traduzida para várias línguas africanas e formou a base da conferência de continuação BUWA em Pretória, na África do Sul, em 2003⁴¹.

Alguns governos africanos estão às voltas com a realidade de uma grande quantidade de línguas e chegaram a diversas posições. A maioria ainda é vaga em relação a isso. Porém, recentemente, na sua sexta sessão ordinária em Cartum, a União Africana (sucessora da OUA) enfatizou a importância de línguas africanas como ferramentas importantes para a educação e a cultura, desenvolvimento e progresso, ao decidir estabelecer uma Academia Africana para Línguas como um escritório especializado office da UA que teria sede em Bamako, a capital do Mali. Na mesma sexta sessão ordinária em Cartum, a União decidiu declarar 2006 o Ano de Línguas Africanas. Estas são medidas simbólicas importantes na direção certa. Ainda assim, vale notar que na sua vida anterior como OUA, a organização já tinha uma carta cultural que elogiava a centralidade de línguas africanas na modernização, mas este decreto nunca saiu do papel. Espera-se que a declaração atual saia do papel e seja colocada em prática e que todos os anos futuros, não apenas 2006, tornem-se anos de línguas africanas.

41 Conferência BUWA sobre Línguas e Literaturas para o Século XXI, 13 a 15 de setembro.

Mas como mil línguas, quase incompreensíveis entre elas tanto em termos nacionais quanto continentais, falam em nome de um continente? Será que a África não se tornaria uma Torre de Babel? Será que a multiplicidade de línguas africanas dentro de estados e entre eles não simplesmente exacerbaria a fragmentação do continente? Num continente em que os anos após a independência tem presenciado guerras de secessão na Nigéria, Somália, Congo e Etiópia, esta possibilidade desencadeia um verdadeiro pesadelo. Porém, é tão importante quanto ter em mente que essas guerras civis não ocorreram ao longo de linhas de línguas. No caso da Somália, com uma língua e uma história comuns, o argumento de várias línguas é um absurdo e, mesmo que o argumento fosse sólido, a existência de diversas línguas não tornaria o caso para a África pior ou melhor do que o impacto causado por várias línguas coexistindo na Ásia ou na Europa⁴².

Ainda assim, o medo de exacerbam divisões ao longo de linhas de língua é obviamente legítimo. Porém, a resposta não é continuar a enterrar a África e o meio de transmitir a memória africana sob um paraíso eurofônico de tolos. A resposta, como ocorreu com o renascimento europeu e conforme observado no ponto nove da declaração de Asmara, está na tradução.

Tradução (apesar da sua má reputação nos diálogos platônicos onde se diz que o nome de Hermes, o Deus que inventou a língua e a fala, significa que ele é “um intérprete ou um mensageiro ou um ladrão ou um mentiroso ou um pechincheiro”⁴³ esteja na base de origem de todas as sociedades humanas. Os humanos são da natureza, como plantas, animais e o ar e, ainda assim, ficam fora dela, ou seja, eles atuam sobre ela, se reproduzem e dão origem a processos que claramente não são idênticos à natureza da qual eles fazem parte. Ainda assim, o que os humanos alcançaram é

42 Cheikh Anta Diop (1981).

43 Plato, “Cratylus”, traduzido por B. Jowett (1961, p. 444).

uma extensão dos diversos aspectos da natureza. A tecnologia mais maravilhosa é uma extensão da mão humana. O telescópio que enxerga mais longe é uma extensão do olho. Da mesma maneira, o veículo, os foguetes e as naves espaciais, por exemplo, são extensões da perna. Além disso, e quanto aos discos rígidos e flexíveis de computadores com seus bytes de memórias? Eles não são uma extensão do cérebro humano? Foi a tradução da língua da natureza para os seus próprios termos que permitiu aos humanos cultivarem a alimentação a partir da natureza. O alimento é uma reprodução infundável do que se obtém na natureza. A agricultura e a cultura social têm uma origem comum na noção de cultivar a natureza, sendo que ela própria é um processo de tradução de um ambiente para outro. Até mesmo a palavra “cultivar” originou o conceito de cultura como prática social. Em resumo, a própria humanização da natureza é um processo de tradução e evidências da centralidade da tradução na composição da comunidade humana e a tradução da natureza e do alimento humano está produzindo um terceiro domínio do ser, a realidade virtual – o que podemos chamar de cybertura. Trata-se de um caso de tradução que permite um Segundo Adão e agora um terceiro.

Mas a tradução também tem desempenhado papéis fundamentais tanto na história quanto na religião. Textos de Marx que inspiraram várias revoluções sociais foram lidos por aqueles que aderiram a eles especialmente em traduções. Muitas palavras e frases nas obras de Lênin e Mao são debatidas em salas de aula e em plataformas políticas no mundo inteiro: mas a maioria destes debatedores apaixonados as conhecem apenas por tradução e nós já vimos o papel da tradução no renascimento europeu e o surgimento da modernidade capitalista. Foi uma tradução – as 95 teses de Lutero – que lançou a Reforma, com a Bíblia passando a desempenhar um papel significativo no desenvolvimento de línguas europeias.

A Bíblia na sua tradução tem desempenhado um papel na cultura africana quase igual ao que ela desempenhou na Europa. O que nos traz para a ironia: de que da mesma maneira que a Europa sufocou e ajudou as línguas africanas a morrerem de fome, as necessidades de conversão religiosa também fizeram com que as missões europeias também desempenhassem o papel de manterem a tradição escrita de línguas africanas. O que elas produziram pode ter sido privado de conteúdo, deixando apenas aquilo que atendia as necessidades da antropologia com seu interesse na época em passados estáticos ou a caneta do censor editorial deixando intacto apenas o que apontava para o meio da conversão africana deles próprios, desejando torná-las portadoras apenas daquele conhecimento que negasse o conhecimento da resistência. Ainda assim, suas traduções religiosas desempenharam um papel que não pode ser ignorado e elas compartilham crédito em manter viva a retenção literária de línguas africanas.

Tradução é a metalinguagem da fala comum, uma língua das línguas, uma língua por meio da qual todas as línguas podem falar umas com as outras. Trata-se da linguagem da conversa entre línguas. A tradução entre línguas africanas só pode cimentar a herança que todas as línguas podem compartilhar e, para um escritor, ela significa que todo o continente, com seu grande público de línguas africanas, passa a ser seu mercado potencial. Através de traduções de obras escritas diretamente em línguas africanas, surgirá uma herança moderna compartilhada. Mas além de ajudar na conversa entre línguas africanas contemporâneas, a tradução ajudará no renascimento do qual estamos falando em três outras áreas: Restauração, Reembolso e Recuperação, aos quais eu volto minha atenção agora.

Conforme se observou anteriormente, boa parte da produção intelectual pelos nativos que preservam a memória na África tem

sido em línguas que não aquelas das culturas que apoiaram o próprio nascimento e a própria criação do escritor. Na realidade, isto muitas vezes tem sido um ato de tradução cultural da memória subjetiva para a memória dominante. O que significa quando um africano escreve um romance em que os camponeses e a classe trabalhadora são os atores? Apesar de na vida real as personagens estariam falando numa língua africana, elas surgem no romance como falantes de inglês, francês ou português. A tradução que ocorre na mente do escritor antes dela aparecer em preto e branco na página resulta na perda daquilo a partir do qual ela foi traduzida. A restauração envolveria a tradução da literatura e de produções intelectuais eurofônicas de volta para as línguas e culturas de onde os escritores derivaram. Isto significaria ajudar a restaurar a obra para sua língua e sua cultura originais: quase como resgatar o texto mental “original” do exílio eurofônico. Além disso, isto significaria ajudar a reverter a fuga de cérebros ao assegurar que os produtos dessa fuga de cérebros voltem, para construírem a base original. Porém, a restauração tem um potencial ainda maior: o trabalho de um escritor africano poderia ser restaurado para todas as línguas africanas. Wole Soyinka, Chinua Achebe, Tsitsi Dangarembga e Ama Ata Aidoo, passariam a ser uma herança comum em todas as línguas africanas. Não estamos falando de algo novo: este processo já começou. Algumas das peças de Wole Soyinka foram traduzidas para ioruba. Muitas obras de escritores africanos foram traduzidas para Kiswahili e, neste sentido, Henry Chakava, diretor do East African Education Publishers abriu o caminho. O sucesso dessa restauração exigiria uma parceria criativa entre o escritor, o tradutor, o editor e o governo. Deveria ser um movimento consciente de toda a África, um projeto de restauração da África, invocando uma grande aliança de editores, tradutores, financiadores e governos.

Desde o desmembramento da África no continente e na diáspora, sempre houve alguma conversa sobre o direito de os africanos na diáspora retornarem. Libéria e Serra Leoa baseiam-se nesse princípio e produziram um dos grandes teóricos da ideia africana, Edward Blyden. Garvey expressou a necessidade do retorno no começo do século XX. O retorno físico mais famoso foi o do maior proponente da ideia africana, W. E. B. Du Bois, que foi enterrado em Gana. Porém, o retorno de maior alcance foi o da herança espiritual criada por povos de origem africana no mundo todo. Este retorno do espírito foi afetado através de traduções para línguas africanas. Essa recuperação foi iniciada pelo poeta xhosa J. J. R. Jolobe, que traduziu *Up from Slavery* (1901), de Booker T. Washington, para isixhosa na década de 1950. Mas esta recuperação invoca mais do que a tradução de um texto por um autor. Isso deve ser um grande projeto nos próximos anos. O pensamento afro-caribenho e afroamericano traduzidos para línguas africanas seria um enorme retorno espiritual, comparável em termos de impacto ao da recuperação europeia da sua herança clássica. De Delany e Equiano a Toni Morrison e Amiri Baraka; de Booker T. Washington a W. E. B. Du Bois; de C. L. R. James a George Lamming e Kamau Brathwaite. Todos estes nomes e outros em línguas africanas acrescentariam à herança compartilhada por todo o continente e pela diáspora. Com o tempo, as traduções do que se produz na diáspora passaria a ser rotina, parte de práticas de lembrança contínuas.

A África é, foi e sempre será parte do mundo. Apenas que seu relacionamento com o mundo foi, até agora, o de um doador para o ocidente: os seres humanos da África, seus recursos e até mesmo seus produtos espirituais por meio de africanos escrevendo em línguas europeias. Nós deveríamos lutar para fazermos do outro jeito: ter o melhor do mundo, em ciência, filosofia, tecnologia, literatura, traduzido para línguas africanas. Os africanos devem

trazer a produção intelectual do mundo para nossa fala nativa com todo o entusiasmo da conquista.

Aqui, nesta época e era, nós podemos querer reavaliar o papel de línguas europeias. No passado, as línguas europeias possibilitaram a visibilidade global de vários escritores, mas fizeram isso extirpando esses escritores das suas próprias línguas e culturas. Elas permitiram visibilidade a línguas europeias e impuseram invisibilidade a línguas africanas. Porém, devido à situação infeliz de existirem muito poucas pessoas que saibam duas línguas africanas quaisquer, as traduções entre duas línguas africanas talvez tenham que passar por uma terceira parte, que em grande parte significa línguas europeias. Nessa situação, nós devemos estar usando línguas europeias para permitir sem impedir.

Se for feito em todas estas frentes – intercâmbio mútuo entre línguas africanas, recuperação da diáspora e receber de volta nossa parte do mundo – isso tornará a tradução um ato de patriotismo, uma prática de lembrança central dentro da visão de lembrança do Grande Pan-africanismo. Um dos maiores filhos da África, Kwegyir Aggrey, costumava contar a estória de um agricultor que criou uma águia entre as galinhas e a águia cresceu se comportando como uma galinha, acreditando que era uma galinha. Um dia um caçador visitou o agricultor e seguiu-se uma discussão sobre se a águia conseguiria ou não lembrar quem ela era. O agricultor tinha certeza absoluta que ele tinha transformado a águia numa galinha. O caçador perguntou se ele podia tentar reavivar a memória dela. No primeiro dia, ele não conseguiu fazer com que ela voasse além da distância que as galinhas conseguem alcançar. Eu te disse, diz o fazendeiro, que eu a transformei numa galinha. No segundo dia, a mesma decepção, com a águia voando alguns metros e depois mergulhando para baixo, na direção da terra. Eu te disse que ela

não consegue se lembrar, diz o agricultor triunfante: ela é uma galinha, anda como galinha e pensa como galinha: ela nunca voará. O caçador não desiste. No terceiro dia, ele a leva até o alto de um morro. O caçador falou com a águia, apontando seus olhos para o céu, lembrando-a que ela era uma águia. E então aconteceu. Olhando para a imensidão ilimitada dos céus azuis acima, a águia bateu suas asas, finalmente se ergueu e então subiu e voou em direção ao azul.

A águia Africana só consegue voar com a lembrança das suas asas. Lembrar da África causará o florescimento do renascimento africano e a modernidade africana desempenhará seu papel no mundo de acordo com a base igualitária recíproca de dar e tomar, percebendo a visão de Garvey de uma humanidade comum de progresso e realização “que removerá o odor do preconceito e elevará a raça humana ao ápice do verdadeiro amor e da verdadeira satisfação de Deus”⁴⁴.

* * *

Ngũgĩ wa Thiong’o atualmente é *Distinguished Professor* de Inglês e Literatura Comparativa e diretor fundador do Centro Internacional de Escrita e Tradução na Universidade da Califórnia, em Irvine. Nasceu no Quênia em 1938, onde estudou nas escolas primárias Kamandura, Manguu e Kinyogori e na Escola Secundária Alliance (todas no Quênia); no Makerere University College (na época um campus da Universidade de Londres), em Kampala, Uganda; e na Universidade de Leeds, Grã-Bretanha. Em 1992, tornou-se professor de literatura comparada e estudos cênicos na Universidade de Nova York, onde ocupou a Cátedra Erich Maria Remarque. Já lecionou na Universidade de Bayreuth e na Universidade de Auckland, na Nova Zelândia; na Universidade de Yale, no Smith College e na Universidade de Massachusetts, em Amherst.

44 Amy Jacques Garvey (1967, p.25-26).

Recebeu sete títulos de doutor honorário pelas universidades de Albright, Roskilde, Leeds, Walter Sisulu, Carlstate, Dillard e Auckland. Também é Membro Honorário da Academia Americana de Letras e é mundialmente reconhecido como romancista, ensaísta, dramaturgo, jornalista, editor, acadêmico e ativista social revolucionário. Suas obras funcionam como um vínculo amplamente celebrado entre os pioneiros da escrita africana e a geração mais jovem de escritores pós-coloniais. Após a prisão em 1978, abandonou o uso do inglês como a língua principal da sua obra em favor de Gikuyu, sua língua nativa. A transição para o pós-colonialismo e a crise da modernidade tem sido o assunto central em várias das suas obras. Wa Thiong'o recebeu os prêmios de *Distinguished Africanist Award* da Associação de Estudos Africanos de Nova York (1996), *Fonlon-Nichols* (1996), *Zora Neale Hurston-Paul Robeson Award* (1993), Lotus de literatura afro-asiática (1973), UNESCO (1963) e de Romance da África Oriental (1962). Sua vida e obra já foram assunto de mais de quinze livros publicados em inglês desde o final da década de 1970.